



582.º SARAU

T e a t r o

Municipal

TERÇA - FEIRA,
16 DE JULHO DE 1946

Às 21 horas

3.º Concerto da série

“Execução integral dos Quartetos de Beethoven”

pelo célebre

QUARTETO LÉNER

1.º Violino — Jenö Léner
2.º » — Mihaly Kuttner
Viola — Miklos Harsany
Violoncelo — Otto Deri



Programa

I

Quarteto op. 18, n. 5, em lá maior

Allegro

Menuetto

Andante cantabile con variazioni

Allegro

II

Quarteto op. 95, em fá menor

Allegro con brio

Allegretto ma non troppo

Allegro assai vivace, ma serio

Larghetto espressivo - Allegretto agitato - Allegro

III

Quarteto op. 135, em fá maior

Allegretto

Vivace

Lento assai, cantabile e tranquillo

Grave, ma non troppo tratto - Allegro



QUARTETO OP. 18, N. 5, EM LÁ MAIOR

O Quarteto op. 18 n. 5 é contemporâneo do Quarteto em Sol, op. 18, n. 2. Segundo De Lenz, parece uma homenagem ao espírito de Mozart. O primeiro tempo, "Allegro", é construído com dois temas ligados por uma passagem modulante. Segue-se um desenvolvimento muito clássico e depois a reexposição dos temas seguida de breve Coda. O primeiro tema, apesar da firmeza rítmica, tem caráter leve e gracioso e sua linha é continuamente ascendente. Já o segundo, enunciado no início pelos quatro instrumentos, parece mais enérgico e severo. No segundo tempo, "Menuetto", de linhas muito puras, nota-se a beleza expressiva do "Trio" central, cuja encantadora melodia é apresentada pelo segundo violino e pela viola. O terceiro tempo é o "Andante cantabile" com cinco variações e Coda. É a parte mais importante e mais original deste quarteto. A verdadeira fisionomia beethoveniana aí aparece no tema, simples e cantante, no enérgico perfil das variações, com inconfundível caráter próprio, podendo mesmo cada uma delas ser considerada trecho independente. O final "Allegro", em forma-sonata, como o primeiro tempo, compreende dois temas. O primeiro, pela concisão e caráter rítmico, lembra os temas de Haydn. O segundo, muito mais significativo, contrasta com o primeiro pela expressão e amplitude melódica. Ambos aparecem intimamente unidos no decurso do desenvolvimento. Antes da conclusão do final nota-se uma modulação à sub-dominante que retarda, de maneira imprevista, a volta ao tom principal.

QUARTETO OP. 95, EM FÁ MENOR

O Quarteto op. 95, em fá menor, escrito no outono de 1810, situa-se no quadro afetivo de tintas sombrias determinado pela ruptura do noivado de Beethoven e Teresa Brunswick, o que se deu, segundo a tradição, em maio daquele ano. Bettina Brentano encontra-o trabalhado pela dor, mas cheio de consciência da própria força criadora que o orienta para abondância em vez de rancor. Na carta de Bettina a Goethe, de 28 de maio de 1810, encontram-se estas palavras de Beethoven: "Infelicidade alguma pode atingir a minha música. Quem a compreender libertar-se-á de todas as misérias que os outros arrastam após si".

No Allegro com brio, primeiro movimento, o primeiro tema do qual se desprende dolorosa súplica enunciada pelo violino, dá a todo o trecho um caráter trágico. O segundo tema é amplamente melódico, cheio de íntimo lirismo.

O segundo trecho, Allegretto ma non troppo (2/4), com a parte central tratada em "fugatto", parece a calma triste de quem procura libertar-se de inquietações físicas e morais. O tema inicial é dado pelo violoncelo e continuado pelo 1.º violino. Segundo Marliave, este trecho marca a transição da segunda para a terceira maneira de Beethoven. Guarda daquela as grandes linhas da construção e prenuncia a seguinte pelo caráter de certas modulações e certas mudanças melódicas reveladoras de estados de alma mutáveis diversamente expressivos, e ainda pela parte central em "fugatto", que foi tratada não rigorosamente mas "com toda a liberdade dada por Beethoven às fugas das suas últimas obras, nas quais a expressão do sentimento representado pelo tema assume grande preponderância".

O terceiro tempo, Allegro assai vivace ma serio, é um Scherzo com duplo Trio. É muito característico o ritmo inicial, forte, dado pelos compassos iniciais separados por silêncios, que parecem preparar o impulso em que se vai desenvolver o dinamismo do trecho. No Trio, larga frase de coral enobrece o sentimento que o anima. "Sem pretender fazê-lo expressamente, diz Herriot, e pela sinceridade com que exprime os matizes de um sentimento complexo, Beethoven antecipa as formas de que, para acentua-los, se servirão Schumann, e o Wagner do Tristão"

O trecho final consta de uma introdução *Larghetto* expressivo seguido de *Allegretto agitato*, cujo primeiro tema aparece após longa anacruse. Agitado, dramático, seu caráter estende-se ao segundo tema e a todo o trecho dando-lhe incomparável grandeza. Tal quarteto, observa Herriot, "só poderia ter sido dedicado a um músico consumado qual Zmeskall, capaz, melhor do que qualquer outro, de saborear uma obra de qualidade tão rara, de tão sobria inspiração".

QUARTETO OP. 135, EM FÁ MAIOR

As dimensões desta obra, observa Marliave, são bem menores do que as dos quartetos op. 127, 131 e 132. Não lhes é inferior quanto ao trabalho técnico, mas sua significação não é tão valiosa. Nele não se reconhece a condução de uma idéia psicológica como se vê nas obras precedentes do último período. O primeiro, segundo e quarto movimentos parecem um habil jogo humorístico. Em compensação, o "Lento", embora num quadro restrito, constitui uma das mais profundas manifestações do gênio de Beethoven, e o caráter da inspiração denota que foi escrito sob a instintiva previsão da morte próxima. Todavia, este último quarteto completo não é a sua obra final, cabendo tal designação ao final do XIII Quarteto op. 130, também escrito em Gneixendorf, em novembro de 1826.

O primeiro movimento, "Allegretto", é puro trabalho de quarteto, trabalho fácil, vivo, continua Marliave, com o caráter finamente polifônico de gênero, visivelmente escrito de um jacto e sem fadiga. O segundo movimento, "Vivace", é um Scherzo. Não se sabe se o tema é constituído pelas notas em destacado e ritmadas do violoncelo ou se pelas sincopas do primeiro violino. O conjunto move-se nos limites de uma terceira, com sonoridades veladas, longínquas, extranhamente poéticas. Há um ritmo diferente em cada instrumento. O "Trio" apresenta constante aumento de força e intensidade sonora, acalmado-se depois para a re-exposição da primeira parte. O trecho seguinte, "Lento assai, cantante e tranquillo", emociona pela sua nobreza e intimidade. A forma é a de variações muito livres. É admirável a preparação harmônica inicial, que produz uma impressão tão profunda de expectativa e mistério. Sobre essa base harmônica surge uma melodia infinitamente calma, quase uma prece. Num caderno de esboços encontram-se, com referência a esse trecho, as palavras "Doce canto de repouso, canto de paz". O final é precedido de uma introdução "Grave, ma non troppo tratto". Encontra-se nesta uma epigrafe com as expressões "Deve ser assim? Assim deve ser, Assim deve ser", a que correspondem três motivos musicais, o primeiro no início da introdução e os outros dois no primeiro tema do *Allegro* seguinte. O seu sentido ainda não foi satisfatoriamente determinado. Romain Rolland vê aí a fatalidade trágica do destino, Schindler a resposta a um pedido de dinheiro e Schlesinger, reproduzindo de memória uma carta de Beethoven, a angústia do mestre obrigado a escrever essa peça em vez de outra muito mais importante na qual pensava no momento. Na introdução *Grave*, violoncelo e viola expõem a pergunta, e no *Allegro*, o primeiro violino apresenta a resposta nos dois motivos iniciais. É a melodia continua com o caráter sereno de certos trechos da Nona Sinfonia. "O constrangimento provável", observa Herriot, "não prejudicou a liberdade da inspiração, flexível como de costume, mas exaltada, em certos momentos, por harmonias imprevistas; nestas últimas páginas a independência de Beethoven afirma-se por ousadias que o futuro desenvolverá".

